

REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 58-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

Enc. teleg. Tathaca - Lisboa • Telefone?

Oficinas de impressão : Rua da Atalaia, 134

EXPEDIENTES...

Não somos tão fácciosos nem de república, em que, no intuito de tanto pouco razoável que neguem o direito de quem quer que seja se defende sempre que seja atacado, sobretudo quando esse ataque é injusto. E tanto reconheceremos semelhante direito no simples individualismo das colectividades ou aos governos. A todos se deve exigir, porém, que exerçam esse direito lealmente, com nobreza, especialmente quando o adversário não usufrui de armas trunfocais, porque sempre que alguém vem a terreno esgrimir pérnidamente, a causa por que é causa perdida.

A *Batalha*, através da sua acidentada existência, como órgão de combate que é, tem atacado, por vezes com grande imprevisibilidade, os adversários, que são legítimos, nisto que formam em todos os redutos da burguesia, e tendo excedido quinze muitas vezes, afanase-se todavia de não ter recorrido a tópicas processos para alvejar os que lhe são contrários, porque sabemos bem que se o fizesse não seriam sómente aqueles que constituem a classe oposta que justamente nos censurariam tal atitude, mas também entre as próprias fileiras operárias, onde existem caracteres muito integros, se levantariam justos protestos contra semelhante orientação, que briga com a nossa moral.

Revolucionários, não se pode esperar de nós louvamixas as instituições actuais e aos homens que as servem, mas antes uma batalha sem treguas às primeiras, por as considerarmos incapazes de proporcionarem à humanidade aquela soma de bem-estar que ambicionamos para todos, motivo porque as desejamos ver transformadas; aos segundos, por entenderem manter essas instituições pela astúcia e pela força, embora reconheçam que elas estão longe de satisfazer os legítimos anseios dos homens de ideias avançadas.

Acharíamos perfeitamente legítimo que aos nossos ataques correspondessem os governantes com as suas mais vivas impugnações, mas verifica-se que eles não sabem argumentar senão lançando mão da insidiosa, conforme o tempo demonstrado através destes dez anos

destruidos, e que desejamos ver transformadas; aos segundos, por entenderem manter essas instituições pela astúcia e pela força, embora reconheçam que elas estão longe de satisfazer os legítimos anseios dos homens de ideias avançadas.

Possível é, porém, que muitos dos que hoje assistem impassíveis à prática de tantos atropelos, só porque lhes não tocam pela porta, amanhã, quando directamente atingidos, se não esqueçam de apelar para a solidariedade dos que ora são objecto da mais vil perseguição por parte dos detentores do poder, e então será ocasião de lhes recordar a sua actual indiferença...

Possível é, porém, que muitos dos que hoje assistem impassíveis à prática de tantos atropelos, só porque lhes não tocam pela porta, amanhã, quando directamente atingidos, se não esqueçam de apelar para a solidariedade dos que ora são objecto da mais vil perseguição por parte dos detentores do poder, e então será ocasião de lhes recordar a sua actual indiferença...

O autor combate os velhos métodos marxistas da "ditadura proletária" e passa a examinar as lições da Revolução Russa, com a intenção de mais tarde desenvolver o assunto em novo opúsculo, com mais fartos elementos. Proclamando o valor do grandioso acontecimento — que é o primeiro, de Lata, a presentir corso o inicio da nova era socialista, maior do que o da era burguesa — e reconhecendo a sinceridade e grandeza dos revolucionários russos, perfeitamente consciente da urgente tarefa de defender a revolução russa contra a burguesia internacional e da responsabilidade que cabe à inacção e morosidade do proletariado europeu, e sobretudo ocidental, no emprego de meios e métodos, aos quais, na Rússia, a necessidade de defesa contra poderosos e numerosos inimigos e obstáculos denotava as apariências de justificação, o autor nem por isso deixa de combater certos exageros e confusões que a avassaladora influência da grande revolução oriental muito naturalmente provocou; certos métodos errôneos e tentativas de desvio que, servindo-se do prestígio da revolução e aproveitando-lhe apenas o pior, procuraram reabilitar-se no ânimo apaixonado do proletariado ocidental.

Os intuios do autor ficam, portanto, com o resumo sumarissimo que acabamos de fazer: recordar os principios essenciais do anarquismo e do sindicalismo revolucionário, que crises e paixões fazem por vezes perder de vista, e combater métodos autoritários e burocráticos que, se parecerem justificados pelas circunstâncias na Rússia, não temos razão para implantar entre nós, na Europa Ocidental, quando é certo que, para mais, não iniciamos, mas continuaremos a revolução, dando com ela o golpe de misericórdia no poder internacional da burguesia europeia.

Estes dez anos de república, tanto ditos quanto os que mais parecem dez séculos, provam à saciedade que não há, da banda dos políticos republicanos, como a não havia, também por parte dos monárquicos, outra preocupação que não seja a de dispor do poder para darem largas a uma vaidade incomensurável, do mesmo passo que o poder se serve não para atenuar seriamente as dificuldades, sempre crescentes, dos que trabalham, mas para criarem, e aos grupos que os rodeiam, situações que não seriam factíveis se a sua actividade se desenvolvesse no campo do trabalho útil.

Exemplos que vem de constituir-se é-nos dado pelo *soi-disant* Grupo Republicano de Reconstituição Nacional, que últimamente disse os seus propósitos num manifesto ao país, em 3 de Março. Os dois restantes artigos, igualmente muito interessantes, tem por título: *Carta aberta ao sr. Wilson*, de 14 de Março, e *A revolução alemã e os seus ensinamentos*, escrito em 3 de Março, e que a *Batalha* publicará nos números de quinta-feira e de 1 de Maio — se o coronel não mandar o contrário...

"A Batalha" e a mordaga

Desde terça-feira da semana passada que a *Batalha* se encontrava suspeita, tendo sido enviado para a máquina número correspondente a esse dia, a polícia de segurança do Estado, depois de haver exercido a censura sobre esse número, como a tem exercido diariamente, impediu que ele circulasse, com a mesma cerimónia com que o havia feito anteriormente.

Em face de tal arbitrio procedimento, que é tudo quanto há de mais inédito na série, já longa, de violências governamentais, deliberaram suspender novamente a *Batalha*, uma vez que é evidente o propósito do governo de amordaçar este jornal, que decididamente não está disposto a pôr as suas colunas ao seu serviço.

A *Batalha* reaparece hoje, mas continua sob a ameaça das perseguições governamentais, que são fruta do tempo desde que a testa dos negócios públicos se encontra a alta capacidade baptista que ao país se apresentou com o pat-mão da Ordem.

E assim será até um dia...

União dos Sindicatos Operários

1.º de Maio — Os presos por questões sociais e a actual situação

Para que a organização operária se pronuncie sobre a forma do operariado se manifestar no próximo dia 1.º de Maio, resolveu este organismo convocar hoje, pelas 13 horas prefixas, uma reunião de todas as direções dos sindicatos aderentes e não aderentes.

Deve-se também tratar da realização dum protesto digno e solidário, contra as violentas perseguições governamentais à classe trabalhadora, que vê os seus sindicatos arbitrariamente encerrados e os seus militantes injustamente presos, simplesmente por lutarem pelo bem-estar colectivo, enquanto os caudadores da situação afrontativa do povo, os assabadores, continuam livremente praticando as maiores roubalheiras.

São por este meio também convidados todos os delegados à U. S. O. a comparecer na reunião de hoje. Que ninguém falte aos desejos da comissão administrativa.

Entre gente chic... — Como tens passado? Estas abatidas hoje...

— É verdade, meu caro, sinto-me hoje mais extenuado do que nunca.

— Andaste na pândega, aposto?

— Não. Levantei-me cedo, era meia-taüva; meti-me no *Mercedes* e ordenei ao chauffeur que me conduzisse ao Banco Ultramarino. Ali tive que fazer umas dezenas de contos, vindas da roça, de S. Tomé, e fizéi extenuado. Foi um verdadeiro dia de trabalho...

E os negros, na roça, a divertirem-se, sob um sol que tudo reduz a torres-mos

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM LIVRO DE MENO VASCO

'Concepção anarquista do sindicalismo'

Brevemente será posto à venda este trabalho, de que é autor o nosso preso docamara distinto colaborador Neno Vasco, o segundo livro editado pela secção editorial de *A Batalha*, e que certamente vai obter um grande êxito.

Resumiremos em breves palavras o conteúdo do livro e os intuitos do autor.

Depois de esboçar os princípios basilares do comunismo anarquista é do seu método permanente de ação e organização (anarquismo ou método anarquista), o autor faz um rápido estudo histórico-critico do pensamento anarquista sobre o movimento operário e sobre o grupo de produtores, como órgão de luta de classes e núcleo reorganizador da sociedade. E conclui que o anarquismo é "sindicalista" desde o berço, e que quanto mais anarquista, mais sindicalista.

Vem depois, em capítulos sucessivos, o exame, desde a Internacional, da concepção libertária da "independência do movimento operário", do "revolucionismo automático do sindicato", do livre embate de ideias e métodos na organização operária, para se obter a união fundada sobre o terror vermelho a

ação naturalmente violenta do povo, não encontra na sua alma tam esquisitamente sensível às dores dos tiranos, os mesmos anseios de humanitarismo, que a façam soltar braços de indignação ante os assassinatos e vilanias praticados pela reação húngara, actualmente de posse do poder, tacitamente protegida pelas nações aliadas, não menos reacionárias.

Na Hungria impera o verdadeiro terror, que paciente e jesuíticamente escorre as suas vítimas, não poupar mesmo aquelas que, com a sua atitude equívoca ou opositória, em muito contribuiram para a queda da república proletária, cuja ação violenta, tam encarniçadamente combatida pela imprensa mercenária de todos os países, não foi tam profunda como falsamente se proponhou, limitando-se simplesmente a actos de legitima defesa, pois não persegue ferozmente os seus crítes inimigos, que tendo tempo de se recompõr, tratam de exercer contra os partidários da República dos consulados, a mais pervera das vinganças.

As imprensa burguesa, que tam sensivel e humanitária se mostra quando as populações revoltadas fazem cair sobre os seus despotas todos os pesos das infâncias e tiranias que elas lhes tem imposto, alunciando o terror vermelho a

Muitos destes desventurados foram enterrados vivos, com a boca amordacada e atados com arames, que foram passados através das palmadas das mãos e das carnes dos pulsos.

A maior parte das vítimas não se sabe como morreu. Desapareceram e nada mais. Estavam no cárcere e não dão razão delas. Prenderam-nas os oficiais brancos, meteram-nas num automóvel, levando-as com rumo desconhecido, eis tudo. Assim sucede com Nicolás Cserveuka, secretário do partido socialista, com Helena Szilagy, jovem de quinze anos, com Bela Somogyi e Bela Bacso.

Dos dois últimos conheceu-se recentemente o trágico fim por uma casualidade.

As pedras que os assassinos lhes meteram nos bolsos para que submerssem no Danúbio, caíram, e os seus cadáveres subiram à superfície do rio.

Até ao momento em que foram encontrados fluctuando nas águas ninguém sabia — que tinha sido feito feito.

Eis o que Somogyi era o leader intelectual da direita da sociedade e que tinha sido, nos dias da República vermelha, inimigo irreconciliável de Bela Kun e dos comunistas.

Mas de pouco lhe vale a sua moderação. Os brancos assassinaram com ele a sua sanha e a sua crueldade.

As informações colhidas para a investigação judicial aberta por motivo do achado dos seus despojos, afogam a respiração na garganta.

Oito homens meteram ao anoteice Somogyi e Bacso num automóvel oficial e conduziram-nos à beira do Danúbio.

As cordas com que amarraram os presos enterraram-se tam profundamente na carne destes que, depois de mortos, se notava perfeitamente nos seus pulsos a marca sangrenta das ligaduras.

O cadáver de Somogyi apresentava a cabeça fendida, em três partes distintas; tinha os olhos vasados e o nariz seccionado.

O corpo de Bacso estava crivado de feridas. Três esburacavam-lhe o peito e cinco o ventre.

Tinham arrojado ambos, com as algibeiras cheias de pedras, ao fundo do Rio Danúbio, e o resultado foi que André Latzko uma sorte semelhante.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

Assim termina Angel Samblancat o seu artigo, esperando, sem dúvida, de que as suas palavras vão resar na consciência universal, levando-a a intrair contra tamanhos barbárcos processos de morte.

Mas aquela rectificação não tranquiliza ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido convencer.

A estas horas ignora-se o paradeiro de Latzko e comece-se a temer que tenha sido cosido a punhaladas no próprio calabouço, e que tenham feito desaparecer, como aconteceu ao leader socialista Somogyi e tantos outros, arrancando o seu cadáver ao Danúbio.

Assustado, Hinthy, o famoso almirante vermelho, ante a tempestade de protestos e de indignação daquele que é o governo democrático português, e que tem sido feito feito.

Oito homens meteram ao anoteice Somogyi e Bacso num automóvel oficial e conduziram-nos à beira do Danúbio.

As cordas com que amarraram os presos enterraram-se tam profundamente na carne destes que, depois de mortos, se notava perfeitamente nos seus pulsos a marca sangrenta das ligaduras.

O cadáver de Somogyi apresentava a cabeça fendida, em três partes distintas; tinha os olhos vasados e o nariz seccionado.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

Assim termina Angel Samblancat o seu artigo, esperando, sem dúvida, de que as suas palavras vão resar na consciência universal, levando-a a intrair contra tamanhos barbárcos processos de morte.

O corpo de Bacso estava crivado de feridas. Três esburacavam-lhe o peito e cinco o ventre.

Tinham arrojado ambos, com as algibeiras cheias de pedras, ao fundo do Rio Danúbio, e o resultado foi que André Latzko uma sorte semelhante.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

Assim termina Angel Samblancat o seu artigo, esperando, sem dúvida, de que as suas palavras vão resar na consciência universal, levando-a a intrair contra tamanhos barbárcos processos de morte.

Mas aquela rectificação não tranquiliza ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido convencer.

A estas horas ignora-se o paradeiro de Latzko e comece-se a temer que tenha sido cosido a punhaladas no próprio calabouço, e que tenham feito desaparecer, como aconteceu ao leader socialista Somogyi e tantos outros, arrancando o seu cadáver ao Danúbio.

Assustado, Hinthy, o famoso almirante vermelho, ante a tempestade de protestos e de indignação daquele que é o governo democrático português, e que tem sido feito feito.

Oito homens meteram ao anoteice Somogyi e Bacso num automóvel oficial e conduziram-nos à beira do Danúbio.

As cordas com que amarraram os presos enterraram-se tam profundamente na carne destes que, depois de mortos, se notava perfeitamente nos seus pulsos a marca sangrenta das ligaduras.

O cadáver de Somogyi apresentava a cabeça fendida, em três partes distintas; tinha os olhos vasados e o nariz seccionado.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

Assim termina Angel Samblancat o seu artigo, esperando, sem dúvida, de que as suas palavras vão resar na consciência universal, levando-a a intrair contra tamanhos barbárcos processos de morte.

Mas aquela rectificação não tranquiliza ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido convencer.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

Assim termina Angel Samblancat o seu artigo, esperando, sem dúvida, de que as suas palavras vão resar na consciência universal, levando-a a intrair contra tamanhos barbárcos processos de morte.

Mas aquela rectificação não tranquiliza ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido convencer.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

Assim termina Angel Samblancat o seu artigo, esperando, sem dúvida, de que as suas palavras vão resar na consciência universal, levando-a a intrair contra tamanhos barbárcos processos de morte.

Mas aquela rectificação não tranquiliza ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido convencer.

Aos intelectuais e aos homens livres de todo o mundo lhes cumpre averiguar-lo.

De terras de África

Algumas greves importantes

LOURENÇO MARQUES, MARÇO DE 1920.

A questão económica continua a ser aqui a questão primordial. A manutenção da alta da libra, cotada neste momento a 14500, (média em que se mantém há três meses), torna dia a dia mais difícil a situação daqueles que os mesmos ganhavam e os mesmos escudos continuam ganhando. Só quem já ganhava em ouro e quem passou a ganhar moeda, como os empregados públicos, se aguentam, por enquanto, no balanço - (havendo a notar que, dos empregados públicos, só passaram a receber em ouro os que recebiam a antiga subvenção de 3000, continuando os restantes que a não tinham a ser vistos da mais odiosa excepto a exploração do Estado).

O resultado é que as classes que ganham em escudos se agitam. Primeiro, os metalúrgicos da casa Le May, que tiveram em greve dois meses, pouco mais ou menos, e que já retomaram trabalho, parcialmente vitóriaos, recobrando uma indemnização de vinte libras, pelos dois meses de greve, mas não conseguindo, como, entre outras coisas, pretendiam, o pagamento em ouro. E, logo, o seu exemplo.

Depois, lançaram-se na greve os empregados do comércio (de balcão e escritório), pedindo-a desastrosamente poucos dias, quasi sem luta, havendo numerosos despedimentos, que facilmente se banzaram pela troca, que em consequência se estabeleceram dos empregados.

Uma das principais reclamações era o pagamento em ouro, e dizem-nos que um dos motivos porque se perdeu a greve foi por os numerosos empregados do comércio ingleses que aqui havia, a princípio entraram nela, retornarem brevemente o trabalho devido a serem em ouro os seus ordenados.

Neste momento agitam-se os gráficos da indústria particular e dos jornais. A indústria tipográfica particular tem duas nuances distintas: uma casa inglesa, com pessoal quase exclusivamente inglês, ganhando em média seis libras semanais, o que ao câmbio actual de 14500 representa 8400 por semana, e três casas portuguesas, com pessoal quase exclusivamente composto de nativos, ganhando, em escudos, uma média, actualmente, de... 2000 por semana.

O alastrar dos operários portugueses e a consciência dos ingleses

E' o momento oportuno para fazer algumas considerações sobre as relações dos operários de Lourenço Marques com os operários da União Sul-Africana. Posso afirmar-vos que, se não fosse o atraso de consciência do operariado, haveria mais relações, aquém as organizações da União, que com os da Metrópole, que pecam por estar muito distante.

As organizações da África do Sul tem aqui numerosos compatriotas, quasi todos, dentro de solidariedade mutua que entre si caracteriza os imigrantes filhos.

Os gráficos ingleses, por exemplo, tem aqui uma sub-sucursal da União Tipográfica Sul-Africana, que está em estreitas relações com este organismo federativo, e segue todas as suas instruções cegamente, obtendo todos os proveitos dos seus movimentos, porque o seu patrão, sócio da Associação Industrial da África do Sul, respeita não menos cegamente os acordos celebrados por aquela com a União Tipográfica, sendo poderosíssimas as organizações patronal e operária na África do Sul.

A União Tipográfica Sul-Africana, desejará que a sua-sucursal aqui, fôsse constituída, também pelos portugueses e nesse sentido enviou delegados, há anos, propagando o ingresso dos portugueses. Mas a cota era um "shilling" cípico por semana, a consciência não era muita e muitos não toleravam os ingleses da África do Sul, influenciados pelo espírito patriótico, inscrevendo-se por isso no seu clube, que brevemente a largaram.

Em suplemento ao nº 80 do Diário do Governo entram publicado, decreto, o governo e estabelecimento dum tipo único de pão, que deverá obedecer ao seguinte diagrama de extracção:

80 por cento de farinha; 20 por cento de sementes.

Assim que aqui chegou telegrama participando a determinação da represamento do tipo único de pão, que a mesma é de 100% de farinha, com 20% de sementes, o que é de 100% de farinha, com 20% de sementes.

Trata-se dum honestíssimo operário, como muitos outros que se encontram arbitrariamente devidos, mas por isso mesmo é quasi certo que o virão a achar de ruido...

Enfim, parece que vai realizar-se a velha aspiração da organização sindicalista: o tipo único de pão, por que a União Operária Nacional decididamente combateu, não encontrando apoio.

Apesar de tudo, regozijamo-nos com o facto, certos que com tal medida muito lucrará o público, contanto que não se permita à Moagem e à Panificação continuar nas suas criminosas maquinâncias.

O pão compete o não permitir a continuação das roubalheiras e conveniente de que tem sido vítima a dos operários anarcos e manipuladores, de pão igualmente cumprir alarme, sempre que a panificação criminosa do patronato os tente forjar a lesar a saúde e a algibeira do povo consumidor.

Em suplemento ao nº 80 do Diário do Governo entram publicado, decreto, o governo e estabelecimento dum tipo único de pão, que deverá obedecer ao seguinte diagrama de extracção:

80 por cento de farinha; 20 por cento de sementes.

Segundo o artigo 3.º do referido decreto, a indústria da padaria em Lisboa e nos concelhos vizinhos destas duas, subordinadas à mesma, seguiram-se preços: pão com 500 gramas a \$14, pão com 250 gramas a \$07. Os concelhos não limitados de Lisboa e Pórtico, mas que se abastecem das fábricas matriculadas destas duas cidades, subordinar-seão a estes mesmos tipos e preços de pão.

Estes preços são para a venda nas padarias, na venda ambulante o preço será acrescido de mais 30% por cada meio quilogramo, e a venda ao público é de pão, em Lisboa e Pórtico, só permitida pelas padarias e pelos vendedores ambulantes, que tenham as respectivas licenças.

A indústria de panificação de Lisboa e Pórtico não poderá dar ao pão o formato redondo ou quadrado, devendo dar-lhe de preferência a forma alongada em caceté.

O decreto estabelece ainda nos §§ 1.º e 2.º do artigo 12.º que, quando o pão for patentemente mal cozido será feita pelas autoridades competentes a apreensão na totalidade do pão que existir na padaria, sendo imediatamente vendido ao público ao preço da tabela, e o produto da venda metade para o apreensor, e a outra metade para ser distribuída pelas diferentes casas de beneficência; e quando o pão não for pesado no acto da venda, quer nas padarias, quer na distribuição ambulante, será igualmente feita a apreensão de todo o pão, que será vendido e o produto da venda aplicado, pela forma estabelecida no § 1.º, e caçada a respectiva licença.

A conferência realizou-se, tendo a Associação Gráfica de Lourenço Marques, onde os ingleses daí também pertencem, sido convidada para ela, não indo nenhum delegado por carência de tempo, mas enviando-se uma opinião escrita, no sentido de apoiar as reclamações e fazê-las adoptar em Lourenço Marques, á parte, o salário único que se usa na África do Sul que aqui não era possível estabelecer, atenta a disparidade dos salários dos empregados ingleses, e a diferença de habilidades, para a maioria dos nativos pouco sabe da profissão. Pensou-se em fazer adoptar o salário inglês para os tipógrafos brancos ou de cor perfeitamente habilitados e fazer subir todos os outros progressivamente até eles por uma regulamentação a estabelecer.

O tempo passou e só agora se sabe que virá aqui brevemente um delegado, talvez o secretário geral da União Tipográfica Sul-Africana. Mas a alta do custo de vida tem sido enorme e os gráficos da indústria particular resolveram não esperar mais.

Resolvem-se, por isso, reclamar para os gráficos das casas portuguesas o pagamento em ouro estabelecendo-se a equivalência dos actuais salários com a libra cotaada a 7500, o que representa, ao câmbio actual de 14500, a reclamação de 100% de aumento, reservando-se para melhor oportunidade reclamar a diminuição do horário, que é de 8 horas na indústria e de 6 na Imprensa Nacional.

Finda esta fase do movimento, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro, reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro,

reclamariam o aumento de duas libras por semana e o horário de quarenta e quatro horas semanais.

Será mais um desastre, o que virámos ver.

Alguns dias depois, os gráficos da casa inglesa e os da imprensa portuguesa, que para em ouro